

DILEMAS DA VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA DIANTE DAS PARTURIENTES¹

Fabiola Rigo Flores², Janaína Kunzler Kochhann³, Cindy Dal Pizzol⁴, Jane Conceição Perin Lucca⁵, Alessandra Frizzo da Silva⁶, Vivian Lemes Lobo Bittencourt⁷

¹ Relato de experiência desenvolvido na disciplina de Estágio Supervisionado, Curso de Enfermagem da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões.

² Enfermeira, Graduada no curso de Enfermagem da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Campus Santo Ângelo/RS-BR. Residente no Programa Residência Multiprofissional em Saúde da Família- FUMSSAR/ UNIJUÍ.

³ Enfermeira, Graduada no curso de Enfermagem da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Campus Santo Ângelo/RS-BR.

⁴ Enfermeira, Graduada no curso de Enfermagem da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Campus Santo Ângelo/RS-BR.

⁵ Enfermeira, Professora, Mestre em Ensino Científico e Tecnológico, Docente no Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões/ Santo Ângelo, RS-BR.

⁶ Enfermeira, Professora, Especialista em Gerência de Serviços de Enfermagem, Mestre em Saúde e Gestão do Trabalho em Saúde da Família, Docente no Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões/ Santo Ângelo, RS-BR.

⁷ Professora Orientadora, Doutoranda em Educação nas Ciências, Docente no Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões/ Santo Ângelo, RS-BR. vivillobo@san.uri.br

Introdução: A violência obstétrica é aquela originada no cuidado obstétrico proveniente do profissional de saúde e que causa danos físicos, morais e psicológicos à mulher no ciclo gravídico, parto ou pós-parto (ANDRADE; AGGIO, 2014). Os maus tratos podem ser por negligência, discriminação socioeconômica, violência verbal, agressividade, ameaças, gritos, piadas humilhantes e violência física. Incluindo também a não utilização de analgesia quando for indicada, intervenções e procedimentos desnecessários que podem causar riscos potenciais e casos de abuso sexual (SANTOS; SOUZA, 2015). Há práticas que são habituais nos centros obstétricos (COs) e são consideradas violência obstétrica como: proibir a mulher de ser acompanhada por seu parceiro, familiar ou pessoa de sua confiança na hora do parto; realizar procedimentos sem comunicar e explicar o que é; usar de agressividade ou fazer piadas na hora do parto; e, a falta de leito para ambos (ANDRADE; AGGIO, 2014).

Objetivo: Relatar a vivência em situações que caracteriza-se como violência obstétrica em um CO.

Método: Relato de experiência emergente da disciplina de Estágio Supervisionado I do curso de Graduação em Enfermagem de uma universidade privada. O referido estágio foi desenvolvido em um hospital filantrópico na região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul no segundo semestre de 2018.

Resultados: Durante o estágio foi perceptível a falta de preparo humanizado dos profissionais, falta de empatia e a prática de atitudes que configuram violência obstétrica. É perceptível que parte das pacientes atendidas necessitam de orientações, mas não as recebem, as vezes são mal atendidas do início ao fim do atendimento, tendo suas queixas ignoradas ou consideradas fúteis, ouvem reclamações por parte dos profissionais da saúde, xingamentos ou frases debochadas. Nos partos, geralmente não é permitido que um acompanhante esteja presente, mesmo sendo um direito legal da gestante. É indiscutível como orientação e diálogo com profissionais tornariam a vivência eficiente e agradável. Também foi possível encontrar, embora em minoria, profissionais que atuam de forma humanizada, que param, escutam e conversam com as pacientes, são calmos e prestativos. Atenção humanizada na parturição envolve conhecimentos, práticas e atitudes que visam garantir o parto e o nascimento saudáveis, com o intuito de prevenir a morbimortalidade materna e perinatal (BRASIL, 2004). A qualidade e a humanização podem ser atributos indispensáveis na atenção obstétrica e neonatal. A mulher e o recém-nascido devem ser acolhidos com dignidade e é dever dos profissionais de saúde esse acolhimento (PRIGOL; BARUFFI, 2017).

Conclusão: Compreende-se que a humanização e o respeito são a base para uma boa relação entre paciente e profissional, para que todos os procedimentos sejam realizados a partir de consenso entre profissional de saúde e paciente. A escrita desse relato possibilitou compreender o papel dos profissionais da saúde e a importância de sua presença em cada momento, para desenvolver assistência, educação, promoção e recuperação da saúde no cuidado fornecido às gestantes no ambiente hospitalar, destacando-se a necessidade de um melhor acolhimento com mais humanização.

Palavras-chave: Saúde da Mulher; Direitos da Mulher; Obstetrícia; Acolhimento; Enfermagem.